

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Carla Caponi Santana

A Prática da Sociologia em Contexto de Vulnerabilidade Social

Porto Alegre

2018

Carla Caponi Santana

A Prática da Sociologia em Contexto de Vulnerabilidade Social

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Raizer

Porto Alegre

2018

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a minha mãe Liane Maria Caponi Santana e minha filha Helena Caponi Almeida por serem os amores da minha vida e por seus amores de forma incondicional.

Em especial, ao grande amigo e colega João Batista Rodrigues por fazer parte de minha trajetória universitária e por estar comigo em todos os momentos da minha vida, tanto nas horas tristes quanto nos momentos de alegria.

Ao amigo e colega Marlus Ávila, que além de estarmos próximos em grande parte desta trajetória, tive o imenso prazer de fazer em dupla os estágios obrigatórios que antecederam este trabalho final.

Ao amigo Laurence Würdig Gonçalves por ter me incentivado a fazer o vestibular na UFRGS e me dar suporte muitas vezes que precisei.

Ao meu sobrinho Lucas Santana Rodrigues por sempre me ajudar a cuidar da Helena, tanto dispondo seu tempo quanto lhe dando amor e carinho. E por toda a ajuda no dia a dia durante a vida e não só neste momento.

Aos amigos e amigas que fizeram parte de toda minha trajetória acadêmica e da vida como um todo, em especial ao Gleydson Almeida, meu ex-companheiro e pai da minha filha.

Ao colega Daniel da Luz Machado por muitas conversas e cafés no dia a dia. Nos conhecemos no âmbito acadêmico, mas tudo que aprendi com ele não ficou restrito apenas a instituição, e sim, para uma vida.

A professora de sociologia aposentada Naira Lápiz por ter feito parte da minha formação, por entender e respeitar o estudante de forma única e por seu amor à profissão e o respeito ao próximo, contagiando as pessoas em sua volta com seu modo de ser e pensar .

Ao professor e orientador Leandro Raizer, por fazer parte desta etapa tão relevante de minha formação acadêmica, pela sua paciência e companheirismo, por todo apoio durante os estágios e o período que antecedeu esse trabalho.

A instituição essa ao qual realizei minhas práticas docentes, por me receberem com tanto carinho e atenção, tanto a direção quanto os funcionários e estudantes.

E, finalmente, aos pouco mais de 40% dos cidadãos que foram às urnas nesta última eleição presidencial e lutam pela democracia.

Dedicatória

In memoriam ao meu pai Protasio de Pinho Santana, pois infelizmente perdemos muito tempo com nossas diferenças quando vivíamos no mesmo plano físico.

In memoriam a Nina Rosa Bellochio, por todo tempo que aproveitamos juntas enquanto nos foi permitido.

E claro, a todos os jovens que fizeram parte da minha história no ano de 2017, primeiro porque sem eles eu não estaria escrevendo este relato, e por tudo que me ensinaram durante esse período.

Escola é...

*O lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...*

*Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
gente se alegra, se conhece, se estima.*

*O diretor é gente,
o coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.*

*E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.*

*Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma parede,
indiferente, frio, só.*

*Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'!*

*Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz.*

Paulo Freire

Resumo: Este trabalho relata as experiências docentes realizadas nas práticas de ensino em sociologia, realizadas durante os estágios obrigatórios, como parte dos pré-requisitos para conclusão da licenciatura em ciências sociais. Os estágios se deram em uma instituição de cunho social e religioso, durante o ano de 2017, no primeiro e segundo semestre. Discorre como os estágios aconteceram na primeira e segunda etapa, apresentando uma reflexão crítica sobre a práxis pedagógica, ou a relação entre teoria e prática que envolve o fazer pedagógico e sociológico. A análise aqui exposta tem como uma das referências reflexivas a educação popular, compreendida como organização dos saberes e mobilização dos que estão a margem do poder para combater as desigualdades sociais. O modo escolhido para expor e analisar essa trajetória é por meio de um relato reflexivo, discutindo os pontos fundamentais e as contribuições de toda a experiência vivenciada. É analisado como a docência em sociologia tem potencial de atuação em espaços não formais de ensino, uma vez que se compreende que a instituição não se enquadra no modelo de escola da educação básica. Ela possui um trabalho educativo que ultrapassa o modelo bancário de ensino-aprendizagem, pois a instituição procura atender a comunidade nas diversas situações de vulnerabilidades, com uma filosofia de educação específica, que caracterizam as comunidades pobres que convivem com o abandono e com a violência do Estado em suas vidas cotidianas.

Palavras Chave: Relato, práticas de sociologia, comunidade do Mario Quintana, vulnerabilidades.

Sumário

1) Introdução.....	9
2) O Contexto Social da Comunidade.....	11
3) Diagnóstico Institucional.....	13
3.1. Colégio.....	14
3.2. Socioeducativo.....	17
3.3. Polo Tecnológico.....	18
3.4. Pastoral da Juventude.....	19
4) A Trajetória de Campo.....	21
5) Relatando a Prática.....	23
5.1 Estágio I.....	24
5.2 Estágio II.....	27
6) Reflexões Sociológicas.....	30
7) Considerações Finais.....	34
8) Referências.....	36
9) Notas.....	38

1. Introdução

“... Na sala de aula é que se muda uma nação, na sala de aula é que se forma um cidadão, na sala de aula não há idade nem cor...” Leci Brandão

Este trabalho busca apresentar as práticas pedagógicas de sociologia realizadas durante o ano de 2017. As experiências educativas se deram no colégio que faz parte do complexo educacional, que aqui chamaremos de “*Complexo Educacional De Mãos Dadasⁱ*”. As atividades foram realizadas como parte dos pré-requisitos exigidos para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Embora a organização do texto esteja estruturada na forma de relato, o sentido e objetivo deste trabalho é ir além de uma escrita meramente descritiva. Ou seja, busca-se mapear as impressões objetivas e subjetivas que permearam toda a caminhada do processo de ensino-aprendizagem, em uma perspectiva sociológica.

Neste sentido, uma análise reflexiva das diversas dinâmicas sociais que envolvem a práxis educativa se faz necessária, pois todo o processo da prática docente carrega diversas realidades sociais. Engloba as realidades da e/ou das instituições, a vida cotidiana dos indivíduos que acessam o espaço, bem como as opções político-pedagógicas que embasam a orientação filosófica da instituição.

Essa instituição de ensino está localizada em uma comunidade de classe popular da região norte do município de Porto Alegre. Território onde se situam várias comunidades em situação de alta vulnerabilidade social, que é medida, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)ⁱⁱ, pelos indicadores de infraestrutura urbana, capital humano, renda e trabalho.

As péssimas condições de vida dessas comunidades se explicam pelo fato de que Estado e município negligenciam o acesso a serviços públicos de qualidade para a população. Este quadro faz com que a população pobre tenha que enfrentar um cotidiano de violências, desamparo e de extrema marginalidade social.

O descaso do Estado em relação às comunidades populares, conforme foi observado durante as experiências e as relações desenvolvidas, em parte é suprido por uma rede de assistência social. Assim, o esforço em melhorar a vida das pessoas e em garantir a dignidade humana de todos se dá por meio de organizações sociais, particulares e públicas, através de convênios.

Desse modo, a instituição de ensino em que realizei as práticas docentes é uma dessas diversas organizações sociais. Prioriza a garantia da dignidade dos mais empobrecidos, por meio de um trabalho educacional, que enfrente as desigualdades, avançando na transformação social dessas realidades. Para atingir os objetivos da emancipação humana, a instituição organiza-se em torno de um complexo de serviços educacionais, um espaço socioeducativo, um polo tecnológico e os serviços realizados pela Pastoral da Juventude.

A escolha da instituição para a realização dos estágios docente foi pelo fato de que, apesar do contexto de pobreza, a comunidade do bairro Mario Quintanaⁱⁱⁱ consegue ter acesso a um serviço de qualidade. Isso porque pode contar com os trabalhos realizados pelo Complexo, em especial, a educação que o colégio proporciona para a comunidade.

Com isso, o acesso a um bem social de extrema importância, dever do Estado, apenas torna-se possível devido aos trabalhos e projetos oferecidos pela instituição. Ela que se coloca desenvolvendo serviços essenciais para a formação humana de modo integral, ocupando o lugar do poder público.

Portanto, para compreender como as experiências ocorreram nas práticas de ensino-aprendizagem, o texto está organizado em seis partes: o contexto social da comunidade, o diagnóstico institucional, a trajetória de campo, relatos da prática, as reflexões sociológicas e as considerações finais.

Inicialmente, a parte do contexto social pretende ser uma apresentação da comunidade beneficiada com os serviços ofertados pela instituição educacional, somado às questões que envolvem as diversas vulnerabilidades da comunidade. Em seguida, quanto à instituição, o objetivo é demonstrar seu método de trabalho, a filosofia pedagógica e algumas características do espaço institucional.

Finalmente, em relação à seção trajetória de campo e aos relatos da prática educativa, procuro demonstrar os percursos até a sua chegada, bem como apresentar as reflexões sociológicas que envolveram o fazer pedagógico. Conclui-se, analisando os frutos colhidos e as dificuldades enfrentadas ao longo dessa caminhada.

2. O Contexto Social da Comunidade

A comunidade do Mario Quintana está situada na região norte de Porto Alegre e faz divisa com o município de Alvorada^{iv}. Foi fundada em 1896 e era conhecida como Capão da Fumaça, sendo mais tarde denominada de Chácara da Fumaça por pertencer a um conjunto de chácaras.

Até a década de 1960, o local era habitado por poucas famílias que viviam em meio à vegetação. Com o crescimento populacional comum desta época, o poder público teve que criar projetos de infraestrutura e habitação, que infelizmente, só foram realizados na década de 1980. Período esse, em que a cidade de Porto Alegre ainda passava por um intenso processo de gentrificação materializada na políticas de remoções e expulsões de moradores pobres e vilas localizadas próximas ao centro. Essas populações, por causa da higienização social em curso, terminaram por serem removidas para esta região.

Com o inchaço populacional nesse local a necessidade de se construir estruturas adequadas para a comunidade se tornaram uma demanda social de urgência. Um dos principais fatores que influenciaram a organização da comunidade em reivindicar serviços essenciais para o local, principalmente no que se refere à luta pela garantia do direito a moradia. Razão pela qual os moradores uniram-se ao Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB) e realizaram mutirões para o desmatamento de eucaliptos, com o fim de acelerar as obras de infraestrutura.

Em 1992 houve o primeiro reassentamento e famílias que moravam em áreas de risco, ou em ocupações, foram realocados para esse local. Com a Lei Municipal N°8258 de 21/12/1998^v o bairro passou a ser chamado oficialmente de Mário Quintana, em homenagem ao poeta que viveu na cidade entre os anos de 1919-1994^{vi}.

Conforme os dados da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)^{vii}, a região conta com uma população de aproximadamente trinta mil habitantes. No que se refere à situação de desigualdade e precariedade das condições de vida desta periferia, o Mapa da Inclusão e Exclusão Social de Porto Alegre destaca que:

Esta área tem a renda per capita mais baixa por família e, conseqüentemente, é a zona mais pobre da capital gaúcha com falta de infraestrutura, segurança, habitação e saneamento básico, tendo um dos maiores índices de vulnerabilidade social do município (SILVA, 2014, p.29).

Esse contexto de desvantagens sociais que dificultam o acesso a recursos fundamentais para manutenção das condições dignas de vida, foi fator que influenciou o

surgimento de instituições não governamentais, como cooperativas e associações comunitárias. Somado as reivindicações da população por garantia de funcionamento dos serviços públicos essenciais no cotidiano da comunidade.

Dentro desse quadro social, político e econômico surge o complexo educacional *De Mãos Dadas*, inaugurado oficialmente em agosto de 1999. Ele é produto da negligência do Estado em garantir direitos sociais mínimos às populações excluídas das grandes metrópoles brasileiras, como melhores condições de habitação, saneamento básico, educação, saúde e emprego.

Em suma, ainda que as informações elencadas acima, retiradas de bibliografias e pesquisas, possam dar uma dimensão da realidade social do território do Mario Quintana, mergulhar no campo em si foi uma vivência na própria realidade social. A experiência empírica pode ajudar a compreender o quanto a comunidade, assim como outras vilas e favelas do país, precisam de um apoio para que consigam transformar as suas realidades.

As formas de poder atingir as mudanças necessárias, conforme o campo possibilitou observar, passa pelas formas de organização da própria comunidade por meio de associações e entidades de classe. Ou, através de instituições sociais comprometidas com as lutas do povo brasileiro. Pois, conforme as experiências de opressão e violências que os oprimidos passam no cotidiano, nada mais se pode esperar de um Estado que se torna, cada dia e a cada vez mais, antissocial.

3. Diagnóstico Institucional

O Complexo Educacional De Mãos Dadas foi fundado de modo legal em 1999, na comunidade Mario Quintana, localizada na periferia de Porto Alegre. Assim como outras instituições de cunho religioso que marcaram a história social do Brasil na assistência social, é voltado a atender as demandas das classes populares. Desenvolve um trabalho educativo, inspirado nos princípios éticos cristãos com a finalidade de realizar ações evangelizadoras com essas populações que se encontram em situação de abandono social.

Situação essa que podemos aplicar à realidade brasileira, afetada pelo contexto de alta concentração de renda, em que uma média de 30% da riqueza nacional está nas mãos dos 1% mais rico do país^{viii}. Baixos índices de desenvolvimento humano e que convive com diversos conflitos sociais e violências do Estado. O público da instituição, composto por uma comunidade inserida em um bolsão de miséria, dominada por facções criminosas, convivendo em constantes conflitos entre si estão inseridos nessa conjuntura nacional.

Conforme os documentos institucionais, podemos citar algumas finalidades da instituição e o compromisso com a promoção de garantias fundamentais de crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de pobreza. Uma das finalidades que estão por trás dos projetos é a promoção de uma educação evangelizadora, por meio de uma práxis libertadora comprometida com a emancipação dos sujeitos (UMBRASIL, 2010; SILVA, 2014).

A base pedagógica e filosófica da instituição, de certo modo, possui uma perspectiva crítica de ensino. Está engajada com uma educação libertadora e que se realiza enquanto prática da liberdade (FREIRE, 1967). O espaço tem como princípio as bases pedagógicas da educação popular. Pois a instituição, como um todo, compreende os seres humanos como sujeitos inacabados (FREIRE, 1987), que necessitam viver de modo significativo e integral (SILVA, 2014). O que põe em destaque princípios elementares como a educação de qualidade, a construção de uma cidadania planetária, o processo educativo com inclusão e permanência, a ética cristã e a busca do sentido da vida.

Em conformidade com esses princípios pedagógicos como meio de alcançar seus objetivos, a instituição oferece de forma gratuita diversos serviços para a comunidade. Tem como ênfase o atendimento de crianças, jovens e adolescentes em processo de desenvolvimento psicossocial e, principalmente, àqueles que estão no ensino médio.

Atende, desse modo, crianças e jovens pobres desde uma perspectiva pedagógica humanizadora e transformadora das realidades sociais (SILVA, 2014).

Para atingir a tais propósitos, o complexo educativo conta com uma equipe formada por profissionais da psicologia, pedagogia, nutricionistas, assistentes sociais, técnicos administrativo, oficineiros, cozinheiras e voluntários. Uma das questões importantes é que, nessa equipe, existem funcionários que já fizeram parte de algum projeto social da instituição e pertencem à comunidade. Isso é reflexo, de certo modo, do trabalho realizado pelo espaço e os vínculos sociais que são construídos no território.

Em fim, para melhor compreender a instituição, primeiramente, apresento o espaço do colégio, descrevendo as suas características estruturais e a sua metodologia de ensino. Em seguida, os trabalhos realizados pelo socioeducativo, que possui vínculos diretos com a assistência social. Na sequência, traço as atividades desenvolvidas pelo Polo Tecnológico, que efetua atividades de extrema importância quanto à reciclagem de materiais eletrônicos e os serviços que a Pastoral da Juventude presta à comunidade.

3.1 Colégio

O colégio, ligado ao complexo educacional, é cercado por muros altos de concreto e possui um único portão de entrada. É nesta entrada que os alunos são recebidos de manhã pela direção da escola, embalados por um bom bate-papo, acompanhados do chimarrão, próximos a um belo açudea acompanhado de uma vista incrível.

O colégio tem uma imensa área verde, com uma horta comunitária que é utilizada em projetos agrícolas com o intuito de estimular novos hábitos alimentares. Refletir sobre a importância de uma alimentação saudável, levando os educandos a pensar criticamente sobre nossa qualidade de vida.

No pátio também existe um ginásio e ao seu redor estão dispostas as salas de aula. Além do próprio ginásio, existem duas quadras poliesportivas cobertas. Os banheiros estão localizados ao fundo do prédio, com acessibilidade para cadeirantes contemplando a proposta pedagógica inclusiva.

A biblioteca da escola conta com uma ótima estrutura para a realização de estudos. Tem uma iluminação adequada, mesas para estudo, um grande acervo organizado, computadores para pesquisas e locais aconchegantes para a prática de leitura. Os educandos que acessam o espaço ainda podem solicitar o apoio de três trabalhadoras

que se dispõem a auxiliar, sendo elas uma bibliotecária, uma aluna voluntária e uma aluna do projeto de inclusão.

O diferencial da biblioteca é que ela é aberta à comunidade, incentivando o gosto pela leitura e aprendizagem. O espaço da biblioteca não é disponibilizado apenas para os jovens educandos que estudam no colégio, ou frequentam os outros serviços da instituição. O acesso à construção do saber como pilar da construção da cidadania e a autonomia dos sujeitos, conforme a filosofia pedagógica institucional, é garantida para a comunidade.

Para que a biblioteca tenha esse caráter comunitário, antes de se adquirirem os livros, a instituição realiza uma pesquisa com os estudantes e com a comunidade em geral. A intenção é atender os gostos de leitura e fazer com que os livros sejam de fato utilizados, que não se tornem apenas enfeites nas prateleiras da biblioteca.

O colégio possui nove turmas, três para cada ano do ensino médio, totalizando, em média, trezentos e trinta estudantes atendidos diariamente. As salas de aulas são equipadas com data show, lousa interativa, ar condicionado, ventiladores, boa iluminação, recursos de áudio e vídeo e com internet.

Em sala de aula, os estudantes estão organizados pelos educadores de modo sistemático em grupos de quatro. A configuração da sala dentro desses moldes é para promover entre os alunos os princípios da solidariedade, oportunizar a troca de vivências e de valores de forma mais dinâmica e interativa. Com isso, os educadores, pensando sempre no melhor aproveitamento de conhecimento entre cada aluno, proporcionam o apoio mútuo durante as atividades.

O setor pedagógico possui profissionais que pautam as suas atividades docentes sempre a partir do contexto social da comunidade, ou da própria realidade cotidiana de cada estudante. As dificuldades que os discentes podem enfrentar na sua trajetória de formação são compreendidas na totalidade dos sujeitos, com realidades sociais específicas. Os problemas cognitivos são trabalhados como parte dos problemas sociais que afetam a sociedade, bem como as dinâmicas individuais que envolvem o cotidiano de cada sujeito.

Embasados pela filosofia pedagógica da educação popular, que visa à emancipação humana por meio do protagonismo e autonomia dos sujeitos, a partir das diversas realidades, o colégio adota uma metodologia da ação. Essa metodologia tem por

finalidade promover novas formas de pensar, agir e perceber o futuro, reconhecendo a riqueza cultural e a identidade comunitária (SILVA, 2014).

O protagonismo dos sujeitos é construído antes mesmo do início de cada aula. Por exemplo, ao iniciar o primeiro período, cada grupo é responsável por levar um tema que fica como atividade de reflexão. São temas que envolvem problemas como racismo, desigualdades e homofobia. Porém, eles não são debatidos em aula, pois servem para provocar a reflexão coletiva sobre determinadas questões relacionadas com o dia a dia da comunidade escolar, como temas geradores passíveis de serem problematizados em grupo.

Nessa mesma direção, uma vez por semana, alunos(as), professores(as) e funcionários(as) se reúnem para a realização de uma atividade. A cada encontro, uma turma fica responsável por apresentar um tema que esteja em voga na atualidade. Preferencialmente, assuntos polêmicos e de cunho preconceituosos que possam contribuir para a construção de um cidadão atento aos problemas existentes em nossa sociedade. Capaz de combater, ou até mesmo solucionar, atos de intolerâncias e discriminações que ocorrem no cotidiano da comunidade.

Essas dinâmicas duram cerca de vinte minutos, sempre antes do intervalo. Nesses poucos instantes, todos se reúnem na quadra do ginásio, inclusive a direção, juntamente com todas as outras pessoas que compõem o corpo docente. Após o término do debate a atividade é encerrada com o Hino Nacional.

Em outros momentos ocorrem algumas oficinas, analisando-se os acontecimentos mais frequentes. Como atos ou dizeres preconceituosos, conforme a realidade vivenciada pelos estudantes dentro da instituição de ensino. Esses trabalhos ocorrem sempre no turno inverso das aulas, pois assim não prejudica o planejamento escolar e abre a possibilidade de maior interação entre a instituição e a comunidade.

O colégio participa de um programa de intercâmbio organizado pela rede institucional, onde é selecionado um estudante por ano para estudar fora do país, ao qual é a instituição que banca os custos da viagem. Conta também com diversas ações integradoras, como as Olimpíadas escolares e as atividades extras curriculares ao longo do ano.

3.2 Socioeducativo

A necessidade do trabalho socioeducativo é fruto e produto histórico da formação das demandas surgidas no contexto social que dá origem a comunidade. O socioeducativo é parte do projeto político e pedagógico de emancipação dos sujeitos e transformação social da vida dos grupos marginalizados, conforme a filosofia da entidade.

O contexto de surgimento dos primeiros passos para a realização do projeto de educação popular com fins de transformar os sujeitos em agentes políticos, ocorre no ano 1992, com o fim de possibilitar a formação de cidadãos conscientes de seu papel no mundo por meio de atividades relacionadas à cultura popular. Neste período, surge o primeiro reassentamento para a atual comunidade do Mario Quintana. Famílias da antiga comunidade conhecida como Vila Tripa dão origem à Vila Wenceslau Fontoura.

Dessas comunidades, em 1997 origina-se a Vila Timbaúva, formada por cerca de 400 famílias habitando uma área com precárias condições de serviços públicos e em terras irregulares. Os trabalhos sociais e educativos da instituição, cujo público possui um perfil socioeconômico de extrema vulnerabilidade social é composto *“por crianças, adolescentes e famílias pertencentes a uma classe social subalternizada, vivendo em modestas e até precárias condições econômicas”* (SILVA, 2014, p 46).

Os trabalhos são realizados na perspectiva de formar sujeitos na cultura da solidariedade, desenvolvimento integral e ético dos seres humanos. Garante esses objetivos focando nas atividades sociais e educativas por meio de oficinas e cursos profissionais. O socioeducativo busca a construção da autonomia, a realização do trabalho cooperativo e solidário, que possam provocar transformações sociais significativas na vida de cada sujeito, ou educando.

Somados aos serviços que possuem a finalidade de capacitação profissional, autonomia e solidariedade ética nas relações de trabalho e na vida cotidiana, crianças e jovens acessam serviços de atenção especial. Como serviços de assistência de fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, rompidos no processo de exclusão social provocados por diversos fatores. Sejam eles de ordem social, política ou econômica.

Para que os trabalhos da Unidade Social possam acontecer e os objetivos pedagógicos atingidos, a unidade conta com uma equipe multidisciplinar. Esta, é formada por assistentes sociais, psicólogos, equipe pedagógica e serviços de fonoaudiologia. O atendimento é realizado através de oficinas culturais, esportivas e de reforço escolar no

turno inverso, sempre visando à valorização do respeito as diferenças e a formação de cidadãos conscientes dos diversos problemas que afetam a sociedade contemporânea.

Finalmente, ressalta-se que o atendimento do socioeducativo é complementado por uma rede de assistência social composta por meio de parcerias. Estão inseridas parcerias públicas, que fortalecem a prestação de serviços instituições como a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) e a Secretária Municipal de Educação (SMED) do Município de Porto Alegre. Mas, também é importante lembrar que o contexto social e político recente é de desmanche, precarização e sucateamento desses serviços prestados às comunidades por parte do município. O que inviabiliza os contratos relacionados a assistência social com diversas entidades, por causa de uma agenda conservadora que prioriza os lucros, ao invés do bem estar da população.

3.3 Polo Tecnológico

O Polo é um espaço voltado para a produção tecnológica, o desenvolvimento humano, crescimento econômico, justiça social e consciência ambiental, entre os educandos frequentadores dos projetos desenvolvidos pela equipe do polo. As rotinas educativas ocorrem conforme os princípios humanistas, éticos e cristãos que embasam a filosofia institucional.

O trabalho é realizado a partir da reciclagem de sucatas eletrônicas com ênfase na preocupação ambiental e a sustentabilidade. Os projetos envolvem a transformação de peças eletrônicas em novos equipamentos que possam ser reaproveitados no mercado tecnológico. E procura, ao mesmo tempo, construir com os jovens uma forte consciência social e ambiental. Desse modo, conforme a instituição,

Os jovens demandam para a sociedade diferentes sensações, medo, insegurança, novidade etc. As grandes transformações sociais passaram e passam pelas gerações juvenis, que são também laboratórios natos de transformações, físicas e intelectuais (SILVA, 2014, p.75).

Com isso, os projetos do polo focam nas juventudes (DAYRELL, 2003) e buscam construir a autonomia, emancipação e inclusão social desses jovens que se constroem como sujeitos sociais de formas específicas. E vivendo as suas juventudes, compartilham experiências de vulnerabilidade, marginalização social, dentre outras formas de violência simbólica (BOURDIEU, 1989).

No polo são realizados projetos de inclusão social e digital, como o recondicionamento de computadores, construção de robôs, impressoras 3D, aonde o conhecimento ultrapassa as barreiras dos muros da instituição. Ainda que atinja seus objetivos ligados à inclusão, soma-se a esse o fator positivo relacionada a baixa evasão escolar que o ambiente proporciona. Como exemplifica uma das coordenadoras do Polo,

Existe um clima favorável para que eles estejam aqui, esse currículo equilibrado entre teoria e prática atrai o jovem, essa coisa de abrir a máquina, fazer o conserto e destiná-la ao uso de alguém é motivador [...] é uma troca de experiências que gera muito respeito entre eles (SILVA, 2014, p. 74-75)

Dessa forma, os educandos do espaço não são meros espectadores das construções que são efetuadas nos projetos. Ao contrário, são sujeitos de ação no processo de construção, estimulados a criar máquinas e desenvolver projetos que possam contribuir com a melhoria da vida em sociedade de modo geral.

Por fim, ao contribuir com a sociedade, também constroem valores e atitudes de autonomia e solidariedade diante de uma sociedade que cada vez mais se torna individualista, aplaude a meritocracia e a sociedade consumista. Os valores humanistas, que estão na base de todos os trabalhos realizados pelo complexo educacional, se opõe às normas cultuadas pela ordem social vigente. E prepara os educandos para enfrentar o mundo do trabalho e da vida em uma sociedade que é constantemente perversa com os mais pobres.

3.4 Pastoral da Juventude

A Pastoral da Juventude está presente na instituição trabalhando em conjunto com os outros setores, tendo como desafio a missão de evangelizar toda a comunidade e promover com os adolescentes e jovens a vivência da solidariedade, a autonomia e a espiritualidade cristã. Além de possuir a crença de que Deus está presente na vida das pessoas, principalmente, entre os mais pobres, acreditam que a fé cristã é o caminho para a libertação e uma das maneiras possíveis de tornar os seres humanos melhores.

Um dos sentimentos que move as ações da pastoral, é a necessidade de promover a evangelização diante de uma conjuntura social e política de crescente empobrecimento, contexto esse pela qual passa a realidade brasileira. Diante disso, se desafia a fazer frente as injustiças sociais intervindo nas diversas realidades, com o objetivo fundamental de transformar os contextos sociais de pobreza e de opressão vivido pela classe oprimida.

Por meio da evangelização, a pastoral realiza junto à adolescentes e jovens um trabalho educativo que possibilita refletir criticamente sobre a sociedade brasileira. Com base na formação humana, o espaço age partindo da ideia de que é urgente e necessário iluminar a vida dos oprimidos à luz dos ensinamentos de cristo, agir visando a transformação social, avaliando as conquistas transformadoras e celebrando os novos caminhos conquistados ao longo do percurso.

As ações locais abrangem toda a comunidade eclesial, tendo como foco o protagonismo juvenil, pois acreditam em uma transformação tanto interna quanto externa. Para atingir a sua missão, realizam atividades que promovem a troca de experiências através da vivência grupal. Com as experiências pedagógicas, promovem a socialização dentro dessa perspectiva, incentivando os jovens a construir seu futuro de forma pessoal e coletiva, sendo eles mesmos protagonistas e agentes das mudanças sociais.

A Pastoral da Juventude carrega consigo a crença social e política de que uma sociedade igualitária e justa é possível. Mas, para que esta sociedade se torne possível, é fundamental que os indivíduos sejam os agentes transformadores, dotados de consciência crítica, passando por uma socialização que construa novos princípios civilizatórios. Ou seja, fundada em valores cristãos, éticos e humanistas, onde todos possam ter em mente a compreensão da necessidade de se construir um mundo melhor e digno de se viver. Esses novos princípios estão reunidos no que a comunidade compreende como a “*civilização do amor*”.

Do exposto acima, pode-se apreender que todas as instituições estão comprometidas com as causas humanistas. O que diferencia o modo de atingir os objetivos de proporcionar a transformação social dos sujeitos é a forma do trabalho realizado. O que envolve a relação entre trabalho e educação, educação como meio de emancipação social e religião e emancipação.

Desse modo, a integração entre todas as instituições formam o complexo educacional. Que promove o acesso a serviços essenciais de qualidade dentro de uma comunidade desassistida pelo poder público. Garantindo, de certo modo, que grupos oprimidos da sociedade possam ter acesso a serviços de qualidade, privilégios de poucos em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela reprodução das formas de dominação, como é o caso da realidade brasileira.

4.

Trajetória do Campo

A trajetória da prática de ensino contou com o elemento da imprevisibilidade e da descoberta do novo. O percurso para que ela se concretizasse se fez no caminhar, construindo as possibilidades para a sua materialização. Assim, a busca por uma instituição para a execução do estágio curricular obrigatório foi semeado pela expectativa do estranhamento e do acaso.

O caminho percorrido foi realizado através de muito diálogo. O percurso foi uma construção até a chegada do exercício da práxis pedagógica em sociologia. O mais interessante disso é que as condições para tal ainda não tinham se dado ao longo da disciplina de estágio de docência em ciências sociais. O estabelecimento de diversos contatos foram essenciais para a finalização do percurso da formação docente.

O elemento inesperado foi que os contatos estabelecidos se deram a partir de um evento em que participei, juntamente com um colega de curso. Tratava-se de um evento de gastronomia e cerveja artesanal, realizado em março de 2017, na zona sul do município de Porto Alegre. As negociações para o campo contaram com o auxílio e mediação desse colega, que me acompanhou durante as experiências até a realização das práticas.

Nesse evento, fomos apresentados à alguns irmãos da instituição de ensino. No desenrolar da conversa, ao falar sobre a fase atual em que estávamos na universidade, na condição de formandos de licenciatura em ciências sociais e tendo que realizar os estágios como parte dos pré-requisitos para a nossa formação, as possibilidades para tal foram surgindo.

A partir desse momento fomos colocados em contato com o diretor de um dos colégios pertencentes ao complexo educacional. A mediação foi realizada por intermédio de um dos irmãos que trabalham no local. Com as devidas apresentações feitas e após algumas semanas daquele encontro, em outro evento, nos aproximamos novamente do diretor e anunciamos nossas intenções em estagiar na rede.

Por conseguinte, a assertiva foi imediata e o diretor do colégio concordou com a ideia, elogiando a nossa atitude em querer fazer o estágio docente em uma unidade social da instituição. Afinal de contas, por ser uma área de grande vulnerabilidade social, os estudantes universitários, que precisam realizar estágios obrigatórios, normalmente não procuram a instituição em função do contexto de violência que a comunidade enfrenta.

Cabe ressaltar que, embora a violência urbana não seja fenômeno social especificamente das áreas pobres, são essas regiões excluídas que são as mais afetadas. Seja pelo fato de serem as maiores vítimas atingidas fisicamente, quanto pelo fato de serem vítimas da reprodução de estigmas raciais e sociais construídos cotidianamente no imaginário social. Pois, a sociedade lhes atribui uma série de marcadores corporais, caracterizados como padrões sociais de comportamento desviante (GOFFMAN, 2004).

Ao eleogiar a nossa iniciativa, o diretor ainda ressaltou que os estagiários das licenciaturas preferem sempre colégios próximos ao centro, ou de perfil mais elitizados. O que pode nos demonstrar um sintoma de desinteresse dos formandos de cursos de licenciaturas em atuar nas periferias, por causa do contexto de aumento da violência urbana.

Nesse sentido, o complexo educacional se diferencia pelo fato de ser uma instituição que incide sobre os problemas sociais por meio da religião, em uma região de extrema pobreza da zona norte de Porto Alegre. Não sendo apenas isso, mas que prioriza e coloca como missão institucional o resgate da pessoa humana em suas mais profundas complexidades. Buscando, com isso, transformar a vida dos sujeitos que vivem em condições de subcidadania (SOUZA, 2003). Se utilizando de um modelo de ensino em que a educação é o exercício da prática de liberdade e da emancipação humana (FREIRE, 1967)

Após muito diálogo com a coordenadora pedagógica da instituição, o primeiro estágio foi dividido em duas partes. Inicialmente, foi proposto uma carga horária para as observações e, no segundo momento, para o exercício da docência. O período de observação foi muito importante para nos apropriarmos dos saberes da instituição e potencializarmos, ao mesmo tempo, a nossa capacidade de interação.

Em fim, conforme o exposto, pode-se considerar que a trajetória foi marcada por um processo dialógico para materializar a prática docente. Foi extremamente construtiva e marcada por uma troca de saberes-fazer muito enriquecedora. E, antes mesmo de encerrarmos a primeira etapa do primeiro estágio, os estudantes comentavam quando seria a segunda etapa das práticas de ensino. O que ocorreu ao longo do segundo semestre de 2017, com as regências de classe.

5. **Relatando a Prática**

Este capítulo procura abordar como as práticas de ensino ocorreram. Os relatos que serão apresentados abaixo dão a dimensão empírica da práxis pedagógica e um panorama de como o processo de ensino-aprendizagem se deu em sala de aula.

Destaca-se que os trabalhos contaram com o acompanhamento e supervisão do professor de sociologia e foram realizados de acordo com o calendário curricular da instituição de ensino. Ao realizar a docência com um outro colega de curso, tive o prazer de atender, tanto no estágio um, quanto no dois, as turmas do segundo ano do ensino médio. Foram as turmas duzentos e vinte e um, duzentos e vinte e dois e a duzentos e vinte e três, com períodos de cinquenta minutos cada aula, uma vez por semana.

Procuramos seguir as dicas e orientações do professor responsável pelas turmas. Dentro dos acordos negociados, no primeiro estágio realizamos as observações e as regências de modo concomitante. Ministramos as aulas nos apoiando nos materiais didáticos que são desenvolvidos pela própria equipe pedagógica do colégio^{ix}.

Desse modo, conforme será apresentado em seguida, no segundo estágio seguimos os acordos estabelecidos. Os trabalhos foram realizados a partir de algumas contribuições dos clássicos da sociologia, o que ocorreu com bastante êxito. Utilizamos um pouco das fundamentações teóricas da sociologia de Auguste Comte, como um dos fundadores dessa ciência da vida social, e algumas contribuições do pensamento sociológico de Max Weber.

Por fim, os relatos dos estágios, conforme será observado, mostram toda uma riqueza de construção de saberes, com muito respeito, diálogo, solidariedade e compromisso social. Os saberes construídos foram fundamentados na pedagogia crítica e criticizadora, que auxilia os sujeitos a promover as transformações sociais dentro das suas realidades e segundo as suas necessidades.

5.1 Estágio I

A experiência do estágio foi um exercício de estranhamento, de estranhar o que me parece familiar e tornar o familiar em algo exótico (VELHO, 1980). Uma vez que o contexto da comunidade me é familiar, pois possui marcadores sociais que remetem às minhas origens enquanto ser social e com as quais ainda convivo cotidianamente. O que significa dar um olhar sociológico e antropológico sobre as experiências docentes.

Ao iniciar o estágio, fomos recebidos por um aluno que portava em suas mãos uma caixinha feita de papel. Quem optasse por abrir ganhava um coração de diversas cores, com uma palavra de luta contra o preconceito, ou de incentivo à vida. De brinde, ganhava um abraço bem apertado. O coração que eu retirei, era amarelo e estava escrito igualdade.

Esse ato traz toda a carga simbólica de todo o trabalho pedagógico efetuado pelo corpo de educadores, que dentro da filosofia institucional procura construir valores de respeito à diversidade. Na perspectiva do engajamento com a emancipação humana, que possa romper com os sistemas desiguais, esse ato político representa socialmente a construção de valores compromissados com a solidariedade, a justiça social e com a diversidade.

A consituição desses valores é realizado pelos educadores por meio de um trabalho que dialogue com o cotidiano da comunidade e problematize questões que afetam a sociedade como um todo. Que conseguem compreender as comunidades vulneráveis como corpos matáveis e passíveis de serem mortos (MBEMBE, 2016), devido ao contexto social e aos estigmas sociais negativos que lhes são incutidos pela sociedade.

Nessa etapa dos estágios, que iniciaram com as observações no primeiro encontro, essas características da instituição foram possíveis de serem observadas. A exemplo da primeira semana em que assistimos as aulas de sociologia do professor regente da disciplina.

O trabalho do professor se deu, inicialmente, por meio da passagem de um documentário sobre a filosofia e as reflexões sociológicas de Michel Foucault^xde, aproximadamente, quarenta minutos. Em um determinado momento, ele explorou melhor o conceito de panóptico. Logo ao término de sua explicação um aluno levantou a mão e disse: *“nossa professor, panóptico então é a mesma coisa que temos no nosso colégio, aquela sala lá em cima que só alguns podem ver todos, não é?”*

O educador ficou um pouco sem jeito e eu impressionada. Ele disse para o menino deixar de besteira, enquanto eu analisava a rápida percepção do aluno em relacionar o saber científico com os fatos vivenciados dentro da instituição, algo incomum na realidade em que os estudantes estão inseridos, mais ainda nas classes menos favorecidas socialmente no Brasil.

Na aula da semana seguinte, o professor passou no quadro um resumo do Max Weber e os conceitos de *desencantamento* e *desnaturalização*, explorando melhor o assunto verbalmente. Mesmo sendo apenas algumas frases, a maioria dos estudantes reclamou de ter que copiar tudo que estava escrito no quadro.

Nestes primeiros dois encontros, foi possível perceber que os estudantes não apreciavam muito ver documentários longos perguntavam a todo o momento que horas iria terminar - e nem copiar muito, pois alegavam perderem muito tempo com a escrita, já que possuem apostilas próprias da instituição.

Antes de iniciar nossa regência, o professor titular preferiu fazer uma revisão dos clássicos (Marx, Weber, Durkheim) antes de começar o próximo módulo. Passou uma folha com questões desses autores e disse aos estudantes que nos pedissem ajuda. Acredito que esse foi o instante em que compreendi qual era o meu papel naquele lugar, pois havia chegado o momento da práxis.

Nesse momento, diante de uma turma de, aproximadamente, quarenta estudantes senti medo e angústia, pois os estudantes foram levantando a mão e nos chamando. Sentia como cada resposta que eu formulasse para os alunos não tivessem sentido. Deixando-os ainda mais com dúvidas e incertezas. Porém, ao final, pude compreender que o saber e o processo de construção do conhecimento não é algo dado, mas está em constante construção.

Trabalhamos com o conteúdo relacionado a construção dos marcadores sociais da diferença, ao qual faz parte do material didático da instituição e tem indicação nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Abordei temas sobre gênero e sexualidade, tendo como princípio básico a quebra de preconceitos e o respeito à diversidade. Incluímos questões como racismo, desigualdade social e relações de gênero no mercado de trabalho. Abordamos mais ainda a desconstrução do conceito de raça a partir de um apanhado histórico da construção do conceito.

Foi possível evidenciar processos e relações pertinentes na sociedade que afetam a todos, como as relações de renda e trabalho entre as diferentes classes sociais. Uma vez

que os sujeitos envolvidos naquele contexto são de pessoas que (sobre)vivem no local que possui um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) de Porto Alegre^{xi}.

Buscou-se empoderar os estudantes acerca dos seus direitos e das políticas afirmativas existentes no país. Tentando conscientizá-los dos mecanismos possíveis que lhes auxiliarão no futuro, seja a entrada no mercado de trabalho, ou o acesso à educação, garantindo permanência e sucesso escolar.

Os temas que escolhemos foram polêmicos e geraram muitos debates em aula, foram esses instantes que mais nos permitiram uma melhor aproximação com os estudantes. Nestes momentos, foi possível perceber diversos pontos de vista e nestas ocasiões, normalmente, procurávamos relacionar a ideia deles com a de algum pensador, na tentativa de transpor a teoria com a realidade.

A relação estabelecida entre nós e os estudantes foi incrível, no primeiro momento estávamos angustiados, pois o novo costuma causar estranhamento. Mas com o decorrer dos encontros e conforme interagíamos, a aproximação acontecia gradativamente. Cada encontro tornava-se melhor que o anterior, como se a cada momento nossa presença estivesse sendo importante para eles, não só na educação como também nas questões cotidianas.

Em um dos encontros falávamos sobre movimento LGBT e homofobia, um estudante levantou a mão e pediu a palavra, disse que nossa aula estava fazendo muito bem para ele. Por conta disso, passou a dar um depoimento relacionado a sua própria vida. Disse ser homossexual e, devido as nossas colocações sobre o tema, havia se sentido à vontade para expor aquilo que a algum tempo já gostaria de ter falado. Não apenas ao grande grupo do colégio, mas também as demais pessoas que fazem parte das suas relações cotidianas mais próximas.

Neste momento, ele apontou para um de seus colegas. Um menino loiro e de olhos azuis que ano ano anterior, quando entraram juntos nessa instituição de ensino, ele tinha ideais nazista e era homofóbico. Ressaltou que depois de muitas discussões ele havia mudado e hoje eram grandes amigos. Esse menino concordou com o relato afirmando que a amizade deles hoje vai além dos muros da instituição.

Após o término da aula este estudante veio falar conosco, agradeceu nossa presença e disse que há muito tempo esperava a oportunidade de falar de modo mais livre sobre a sua orientação sexual aos seus colegas. Porém, sentia medo e não sabia como seriam as reações. Falou que desde o nosso primeiro dia em sala de aula havia sentido

algo positivo em nós. Perguntou nosso signo e afirmou que nossa presença estava sendo muito importante para ele e seus colegas, pelo menos para o grupo ao qual ele estava inserido.

Em outro encontro, falávamos sobre machismo e movimento feminista. Uma estudante pediu a palavra e colocou a música *Disk Denuncia* da cantora Nina Oliveira, música que relata o abuso sexual que as mulheres enfrentam cotidianamente no mundo. Disse que, uns dias antes, ao sair com as amigas chamou um UBER, pois se sentia um pouco insegura ao andar à noite sozinha, até conseguir encontrar o restante do grupo para então irem ao local combinado.

Esse foi o momento em que o medo começou a tomar conta de seu corpo, pois, justamente, aquilo que era seu receio, passou a ocorrer no local ao qual ela esperava ser seguro. Ou seja, o motorista tentou fazer com ela aquilo que a música relata, aquilo que estamos acostumados a ver no noticiário todos os dias. Vemos a grande mídia naturalizando o abuso e, em alguns casos, culpando a mulher, contribuindo com a ideia generalizada de que os homens agem dessa forma devido a determinados comportamentos femininos. Ou seja, culpabilizando a vítima da violência.

Essa primeira etapa foi importante para perceber que os jovens marginalizados não são meros receptores do processo de aprendizagem, algo vazio que objetos são depositados. As interações em sala demonstram que de fato eles agem cotidianamente, são sujeitos sociais ativos e reflexivos. O que pode ser observado conforme os relatos acima, que demonstram uma consciência social crítica sobre os diversos aspectos que afetam a vida cotidiana e afetam a sociedade como um todo.

5.2 Estágio II

Neste segundo momento, trabalhamos de forma interdisciplinar, com a participação dos professores de física e de sociologia. As relações didático-pedagógica foram feitas se utilizando do contexto da revolução industrial, período de surgimento da sociologia com Comte e que também culminou com a origem do motor a combustão.

O que se pretendeu equacionar foi o surgimento da sociologia com o contexto de modernização da sociedade capitalista, através da industrialização. Refletindo sobre as contribuições que a ciência física legou para a constituição da indústria moderna.

Sempre organizávamos nossas aulas partindo com um pequeno vídeo de cinco minutos referente ao tema trabalhado naquele dia. Os temas, normalmente, eram uma

pequena ilustração daquilo que levávamos escrito nos slides e explicávamos no decorrer das aulas.

O professor regente tratava os assuntos com muito respeito aos educandos e com muita dignidade, trazendo elementos cotidianos para abstrair o pensamento, explorando os conceitos a partir destes exemplos. Trouxe contribuições de autores contemporâneos, ilustrados por meio de vídeos didáticos elaborados por Universidades Federais, cujos debates são mais próximos à realidade dos estudantes.

Iniciamos o segundo estágio com as mesmas turmas, no entanto não foi preciso realizar o período de observação, por isso fomos diretamente à regência. Nesta segunda etapa, o professor supervisor pediu para iniciarmos com Auguste Comte, na sequência Max Weber e, por último, a aula interdisciplinar na qual fizemos uma parceria entre sociologia e física.

Nas primeiras aulas falamos sobre a vida de Comte, sua musa inspiradora e suas principais obras. Incluímos as discussões acerca do positivismo e sua influência na sociedade contemporânea. A maioria dos estudantes não se importavam muito com essa história, diziam achar desnecessário saber sobre isso. Porém, quando falamos sobre o templo positivista, localizado em Porto Alegre, alguns demonstraram interesse e até começaram a participar mais das aulas.

Em outro encontro, após mostrarmos imagens de arquiteturas positivistas na região central de Porto Alegre, a maioria começou a interagir tornando a aula mais agradável. Muitos dos estudantes não imaginavam que existiam locais com esse tipo de arquitetura, como a praça dos três poderes, por exemplo. Enquanto outros ficavam emocionados ao reconhecerem lugares por onde já haviam passado.

A distância entre os estudantes e o centro da cidade, apesar de ser pequena, reflete um abismo social entre os que acessam o centro da cidade todos os dias e aqueles que não o fazem regularmente. Isso é reflexo do contexto de exclusão social e marginalização em que se encontram dentro da cidade e uma demonstração concreta de que a cidade e os grandes centros urbanos não são direitos de todos e muito menos lugares democráticos.

Após alguns encontros seguimos com Max Weber, como no período de observação, onde o professor havia passado um resumo sobre a biografia do autor. Iniciamos os trabalhos a partir das ideias centrais da obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Nas aulas que se sucederam, passamos as ações sociais e aos tipos de

dominação, conceitos que já estavam sendo trabalhados pelo professor e que, conforme acordamos, seguimos os conteúdos que vinham sendo discutidos pelo docente.

A aula em que falamos sobre as formas de dominação foi muito interessante. Os estudantes conseguiram relacionar os modos de dominação com a vida social, como a dominação carismática e a dominação tradicional. Compreenderam como elas estão presentes no âmbito da família, no colégio, nas suas relações interpessoais e em outras instituições sociais.

A última aula ocorreu de modo interdisciplinar, juntamente com a parceria do professor de física. Para trabalhar com a sociologia, passamos um clip de música que trazia conteúdos sobre a revolução industrial por meio de um rap, o rap da revolução industrial. Quanto à física, usamos uma parte da tese de doutorado de um professor da UFRGS, que disserta sobre motor a combustão. Também aproveitamos para falar sobre energia, discutindo sobre o petróleo e os diversos itens extraídos dele. O professor titular gostou muito desse encontro, argumentando que usaria o rap para elaborar uma das suas avaliações.

Esse encontro foi um dos mais surpreendentes, pois os estudantes demonstraram muito interesse nessa temática. Conseguiram fazer a ligação entre o clip e a parte da tese que levamos. Quando o assunto foi o petróleo os estudantes, de forma independente, relacionaram os produtos derivados do petróleo com a vida tecnológica que vivemos no mundo atual.

Portanto, dentro do que foi exposto, as experiências foram extremamente ricas de construções de saberes teóricos e práticos elaborados no decorrer das aulas. Todos os encontros proporcionaram uma reflexão sobre a importância do ato de ensinar e aprender, uma relação social mediada por indivíduos que partem das suas vivências cotidianas e somam os saberes eruditos para compreender a complexidade da vida em sociedade. Essa relação é empiricamente trazida nos relatos quando percebemos as conexões que os estudantes faziam entre os saberes teóricos com os saberes do senso comum da vida cotidiana (MARTINS, 1998).

Por fim, tanto o processo de construção para a chegada das práticas, como foram as negociações em campo, quanto o fazer pedagógico e sociológico cotidiano também foram parte da aprendizagem. Sendo assim, o ato de ensinar e o de aprender, não é voltado para os estudantes, pois se realizam com eles.

6. Reflexões Sociológicas

“Enganjar-se em uma luta política e social, que represente o interesse dos excluídos, passa de um direito político de livre escolha para uma necessidade humana de sobrevivência.”(Laurence Gonçalves, 2006)

O espaço em que estive inserida neste curto período de tempo foi vivido dentro de uma série de experiências diversas e complexas. Envolveram as dinâmicas da minha formação em transição de estudante à educadora em um espaço educativo que, embora se oponha ao modelo bancário de educação (FREIRE, 1996), pertence a uma lógica institucional de disciplinamento dos corpos (FOUCAULT, 1999). O diferencial é que essa disciplina institucional é que seu fim é a emancipação humana e não a reprodução das desigualdades sociais.

O processo de estudante à formação de educadora não é um fato acabado, como se terminasse na colação de grau. Ao contrário, a condição de estudante é o que permite estar na situação de educadora, uma vez que essas fases se fazem de forma dialética e em pleno diálogo. Conforme o legado de Freire (1987), a formação dos sujeitos que se sabem atores que lutam passa por uma constante conscientização e jamais se assumem como seres acabados. Os sujeitos são seres sociais em ação e estão em constante trabalho de consciëntização.

Estar e assumir esses papéis são de extrema relevância, pois não significa uma estada momentânea em uma instituição comprometida com os diversos saberes e fazeres, que foram construídos ao logo da história pela humanidade. Não é um mero deleite. Mas sim, um envolvimento profundo com as classes oprimidas que acessam, de modo geral, uma educação massificada e em precarização.

Assumir o papel de educadora é estar comprometida e ciente da necessidade que temos de construir outro modelo de educação e de ensino. Ao invés de insistir na lógica bancária de ensino (FREIRE, 1987) que legitimam e reproduzem os privilégios e hierarquias sociais, ou seja, as estruturas de poder e de dominação social (Nogueira, 2009). Para isso, a transformação social desse modelo de ensino-apredizagem, de forma crítica passa pela compreensão dos diversos problemas que o povo brasileiro enfrenta. Assim estar em sala de aula, segundo Paulo Freire (1996), significa se colocar no papel de *“estar aberto a indagações, à curiosidades, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não transferir conhecimento ”*.

Assim, dentro dessa concepção de educação, o educador se opõe ao padrão de aprendizagem que reproduz desigualdades sociais e aos processos de dominação que se perpetuam no tecido social brasileiro. Ou seja, representa a busca por uma construção de formas de emancipação social, rompendo com as barreiras de produção simbólica que reproduzem as estruturas de violência (BOURDIEU, 1989).

O comprometimento com as classes populares, ou os grupos marginalizados, passa por uma outra concepção de educação e da própria ideia do que é ser “*professor*”. Tomando mais uma vez Paulo Freire, como uma das referências desta reflexão, é importante ter em mente que a educação é um instrumento político de conscientização e politização, feito através da construção de novos saberes-fazeres (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, 2009).

A posição de educador se opõe à concepção de professor. Àquele que professa dentro de uma lógica bancária de ensino onde não há sujeitos. O que há nessa concepção são meros receptores da cultura das classes dominantes, que legitimam uma ordem social conservadora e sem comprometimento com a sociedade como um todo. Segundo Freire e Nogueira (1987),

O educador popular (ou o intelectual de classe média comprometido com lutas populares) faz menos discursos puramente orais; o que esse(a) fulano(a) faz é “inteirar-se” em expressões coletivas da prática educativa que vai transformando a vida. Os conteúdos que esse educador vai manuseando são significativos, então. Vai se compondo aí um programa de histórias e conteúdos da luta popular (p.41).

Desde essa perspectiva político-pedagógica, o educador tem diante de si o papel social de contribuir com a melhoria de vida dos oprimidos, por meio de uma educação crítica e criticizadora (FREIRE, 1967). O que, por outro lado, significa dizer que o educador/professor assume um papel de intelectual comprometido com a democracia, com os princípios de justiça social, igualdade e com a diversidade (GIROUX, 1997).

Além do compromisso assumido com a democracia e a justiça, cabe também ao educador pensar sobre sua própria prática para melhor compreendê-la. Conforme o pensamento de Marx, isso significa dizer que a realidade é síntese de múltiplas determinações sociais e que cabe ao intelectual entendê-la nas suas diversas faces e transformações (PEREIRA, 2015).

A busca incessante por seguir os preceitos filosóficos da práxis educativa libertadora foi o eixo motivador para realizar uma ação educativa comprometida com as classes populares. Isso fez com que eu chegasse a uma instituição social que vai ao

encontro dessa sede por justiça e alteração das estruturas sociais, não importando se esta se faz a nível micro ou macro social. O que importa de fato é promover rupturas com um modelo de educação e de ensino, que legitimam privilégios, reproduzem desigualdades e o sistema de hierarquias sociais vigente (NOGUEIRA, 2009).

Nesse sentido, as expectativas foram atingidas quanto à realização de uma prática pedagógica que vão ao encontro dos compromissos sociais e políticos aqui elencados. Uma das aprendizagens construídas e que possibilitaram fazer a relação entre teoria e prática, foi que o colégio carrega no seu cotidiano escolar o respeito pela diversidade e a liberdade dos educandos. A diversidade é um dos pilares da educação e a liberdade de escolha está sempre presente, não só enquanto instituição educacional, mas também para a vida.

O colégio é composto por diversos grupos culturais que integram o ambiente e que se respeitam mutuamente. Ele desenvolve um modelo de educação alicerçado na educação popular, cujo método é o trabalho do/com o povo e a troca de saberes que desconstrua as estruturas opressoras. Um processo onde a reconstrução do saber necessário à emancipação está sempre em transformação (BRANDÃO; ASSUMPCÃO, 2009).

Esta constituído por grupos que compartilham os modos de agir e viver dentro de uma heterogeneidade cultural muito rica e dinâmica. Integra os diversos modos de ser juvenis que são permeadas por questões de sexualidade, crenças e outras identidades culturais vivenciadas de forma específica. Nelas, os estudantes possuem autonomia para agir conforme suas vontades e crenças, uma vez que *“o respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (FREIRE, 1996, p. 59)”*.

O desenvolvimento dos trabalhos pedagógicos na instituição é realizado conforme os contextos sociais de cada sujeito. E ao longo do processo de ensino-aprendizagem os sujeitos são atores sociais constituídos por um habitus cultural (NOGUEIRA, 2009), que lhes foi incorporado ao longo da socialização. Cada sujeito social carrega consigo suas bagagens históricas e sociais, ao mesmo tempo que detém as ferramentas para transformar suas histórias de vida.

Por fim, é fundamental ressaltar que ao longo do semestre compreendi um pouco do que é ser professora. Tarefa de fundamental importância em que as relações pedagógicas têm que serem sempre refeitas (DUBET, 1997). Foi muito gratificante fazer

o estágio em um colégio que reconhece os educandos nas suas diversas formas de ser e dentro das suas realidades, principalmente, em um território marcado pela exclusão social e pela violência de Estado.

O estágio como uma das diversas etapas da minha formação docente foi fundamental por proporcionar a ligação entre a teoria e a prática, a práxis pedagógica de modo dialético. Incorporando saberes e elaborando conhecimentos, fazendo conexões entre o saber popular e erudito, buscando desconstruir a lógica desigual de distribuição de saberes e de poder.

Considerações finais

O presente trabalho fez parte de um percurso pedagógico que, ainda que efêmero, foi significativo para pensar a prática sociológica numa outra dimensão. Os manuais e documentos legais que organizam, orientam e estabelecem as diretrizes (MEC, 2006) para pensar a prática da sociologia na educação, raramente abrem brechas para pensar essa prática em outros espaços de ensino. Assim, embora a prática tenha sido realizada em uma instituição que possui alguns caracteres formais de ensino, a instituição em si não se caracteriza como espaço de ensino formal.

Ao recorrermos aos documentos legais percebemos que é apenas os ambientes do ensino regular da escola média que a sociologia ganha status de reconhecimento e de legitimidade. A exemplo do que aparece nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Ciências Humanas, em que

A sociologia, como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados da pesquisa as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país (MEC, 2006, p. 105).

Ao apontar a sociologia como matéria legítima de espaços formais de ensino e aprendizagem se perde de vista, de certo modo, ampliar as discussões acerca de seu papel em ambientes de educação informais. Embora se reconheça que os espaços de ensino não formais orientados pela educação popular, no sentido de esforço, mobilização e organização do saber como resistência à dominação e exercício do poder (FREIRE; NOGUEIRA, 1989), não necessitam de estruturas de dominação para terem reconhecimento.

Essa reflexão é válida para pensarmos em expandir a sociologia para outras instâncias de atuação política e social. Procura construir estímulos que possam levar outros licenciandos a atuar em espaços populares de extrema marginalização, onde as desigualdades sociais são invisibilizadas. Territórios de pobreza que não são alvos de muitos que estão em fase de conclusão do ensino superior e que não procuram, muito raramente, periferias com esse perfil para realizar suas atividades docentes.

É nesse sentido que o estágio teve sua importância, ou seja, a de poder refletir sobre a relevância da sociologia em instituições sociais que atendem comunidade populares com um

outro olhar pedagógico. Os serviços prestados à comunidade não se resumem apenas a um ensino livresco, de transferir conhecimentos. Vai muito além disso, porque como centro social educacional, tem capacidade de lidar os diversos problemas que a comunidade enfrenta. Ao lidar com uma grande variedade de dificuldades que as comunidades pobres sofrem, demonstra que a práxis educativa, como síntese entre teoria e prática (PEREIRA, 2015), não se resume no ato de ensinar e deve se preocupar com o conjunto das estruturas simbólicas que mantêm e reproduzem as formas de exploração e dominação (NOGUEIRA, 2009).

Em função disso, se buscou estabelecer uma metodologia que problematizasse sempre o contexto social, levando em conta que as violências cotidianas sugerem soluções e não podem permanecer. O modo que encontramos para discutirmos esse cotidiano difícil, procurando despertar uma reflexão engajada com os estudantes sobre as relações cotidianas, (PEREIRA, 2015) foi por meio de vídeos curtos que pudessem gerar diálogos reflexivos.

Ao se utilizar dessa metodologia como opção política e metodológica (PEREIRA, 2015) o objetivo era desnaturalizar relações sociais, instituições e as ações humanas (MEC, 2006). Para além dos clichês atribuídos à sociologia de formar cidadãos críticos, também se buscou modificar concepções de mundo e situar os jovens como agentes do processo do conhecimento e do mundo (PEREIRA, 2015).

Essa metodologia fica como exercício de aprendizagem que possa reverberar e ser utilizada em outras práticas docentes, comprometidas com as rupturas dos paradigmas de educação e ensino estabelecidos. Principalmente, com educadores engajados com uma prática problematizadora do modo como as relações de poderes e saberes foram construídos e estão na estrutura da sociedade brasileira.

Por fim, as experiências dos estágios ampliaram o modo de refletir sobre a prática docente. Mesmo que tenha ocorrido de modo muito rápido, a carga das reflexões e de conhecimentos foram muito ricos e difíceis de serem medidos, devido as trocas que se estabeleceram de modo contínuo. Lembrando mais uma vez Paulo Freire, fica disso dois ensinamentos fundamentais para o ato de aprender e ensinar: “*não existe docência sem discência* (PEREIRA, 2015)” e que “*o conhecimento do mundo é também feito através das práticas do mundo* (FREIRE; NOGUEIRA, 1989).

Referências

- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa, DIFEL, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPCÃO, Raiane. Cultura Rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo, Instituto Paulo Freire, 2009.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: Revista Brasileira de Educação Educação, UFMG, p.40-52.
- DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet In: Revista Brasileira de Educação, São Paulo, USP, Maio/Jun/Jul, nº5, 1997, p. 222-231.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. São Paulo, Paz e Terra, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.
- FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. Que Fazer: teoria e prática em educação popular. Rio de Janeiro, Vozes, 1989.
- GIROUX, Henry A. Os professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- GOFFMAN, Erving. Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. FGV, Quarta edição, Rio de Janeiro, 2004.
- MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana In: Tempo Social. Revista de Sociologia, USP, São Paulo, nº10(1), Maio, 1998, p. 1-8.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. In: Artes & Ensaios. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, nº 32, dez/2016.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretária de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Brasília, MEC, 2006.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Bourdieu e a Educação. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

PEREIRA, Thiago Igrassia. Aprende e ensinar com Paulo Freire: por uma escola emancipatória. Porto Alegre, Cirkula, 2015.

SILVA, Mérli Leal. Centro Social Marista- CESMAR: 15 anos dedicados à transformação social. Porto Alegre, CESMAR, 2014.

SOUZA, Jessé. A construção social da subcidadania brasileira: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

VELHO, Gilberto. Observando Familiar In: ____Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporâneo. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1980.

Notas:

ⁱ Nome fictício da instituição onde o estágio foi realizado

ⁱⁱ <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/sobre>

ⁱⁱⁱ <https://cphpoa.wordpress.com/2015/01/21/chacara-da-fumaca/>

^{iv} <https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-30.016759779427776%2C-51.090620487627916&z=11&mid=1H0PfsLkO41tmanS6HTQpLKISDV8>

^v [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?u=/netahtml/sirel/avancada.html&p=2&r=1&f=S&d=ATOS&l=20&n=-DATA&s1=nao+%22brasao.gif%22+\[TEXT\]&s2=&s3=&s4=@data%3E=19980101+%3C=19981231&s5=&s6=](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?u=/netahtml/sirel/avancada.html&p=2&r=1&f=S&d=ATOS&l=20&n=-DATA&s1=nao+%22brasao.gif%22+[TEXT]&s2=&s3=&s4=@data%3E=19980101+%3C=19981231&s5=&s6=)

^{vi} <https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-30.016759779427776%2C-51.090620487627916&z=11&mid=1H0PfsLkO41tmanS6HTQpLKISDV8>

^{vii} IBGE 2010

^{viii} https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348_895757.html

^{ix} RIBEIRO Florbela; VIEIRA, Priscila. Sociologia: marcadores sociais da diferença. Modulo 3, FTD, São Paulo, 2014

^x <https://www.youtube.com/watch?v=r4jQeD2vEBQ>

^{xi} <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/sobre>